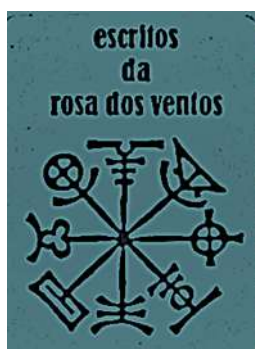


a pesquisa participante e a participação da pesquisa¹

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.
Nesta versão “nas nuvens”
ele pode ser livre
e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.
Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira
ser acessados livremente em
www.apartilhadavida.com.br
ou em
www.sitiodarosadosventos.com.br
LIVRO LIVRE***

Alternativas e nomes que não querem ser rótulos

Antes de atribuir um nome, um título, como um quase carimbo ao estilo ou modalidade de pesquisa que penso praticar, talvez importe mais trabalhar com as dimensões e interações que ela deverá envolver.

¹ Redigidas em estado de rascunho durante IV Seminário do Observatório de Educação do Campo SC/PR/RS realizado em Florianópolis, entre 18 e 20 de março de 2013.

Muito do que pensamos como sendo algo apenas devido a uma “metodologia”, não raro envolve mais conjuntos de propósitos, modalidades de interações, compromissos ou parcerias entre eu-e-o-outro.

Assim algumas perguntas essenciais devem ser formadas antes de se estabelecer “de cara” qual é a minha metodologia da pesquisa e que nomes devo atribuir a ela.

- 1ª. *Quem vai pensar, projetar, conduzir e escrever a pesquisa?*
- 2ª. *Em nome de que intenção, de qual projeto?*
- 3ª. *Quem vai interagir com comigo (ou conosco) através dela... “do outro lado?”*
- 4ª. *A quem ela se destina com prioridade, e quem é (ou quem são) o seu destinatário essencial de leitura?*
- 5ª. *A que modalidade de “campo de saber-fazer-poder” ela se destina?*
- 6ª. *A quem eu presto (ou nós prestamos) as suas contas?*
- 7ª. *A que ou a quem ela serve, no fim das contas?*

Este “servir” que poderia sintetizar de algum modo tudo, pode ser:

- a. Nós mesmas/os, ou seja, a própria pessoal, grupo ou agremiação que idealizou, pensou, projetou, realizou e destinou a pesquisa, primeiro como um processo e, depois, como um produto.
- b. A meus (nossos) pares num “mundo-meu”, como seria o caso de uma equipe de professoras de uma escola, de um departamento de Faculdade de Educação, de “companheiros” de uma mesma ONG ambientalista.
- c. Uma “banca de exame” avaliadora em primeira instância e, depois à “comunidade acadêmica” em termos mais amplos e até universais.
- d. A uma agência governamental, social ou mesmo empresarial que “encomendou a pesquisa” e determinou em primeira instância os seus termos.
- e. A um grupo, coletividade, comunidade de “outros pesquisados”, em nome de quem a pesquisa foi pensada, realizada, etc. e que dela participaram como também “parceiros” e não apenas como “pesquisados”.
- f. A um movimento social popular, ou a uma outra agremiação equivalente de cuja ações sociais de teor político estamos participando como assessores, e quem ,com a nossa participação, levantaram a necessidade e os termos de uma pesquisa (sobre eles próprios, sobre a conjuntura de um momento de luta, sobre uma dimensão específica do “mundo social” em que vivem, sobre (as condições da educação em um assentamento da reforma agrária;

sobre uma totalidade abrangente deste “mundo de vida”; sobre aqueles contra quem o movimento se volta, etc.).

Assim poderia ser de alguma rasteira utilidade o pensarmos situações interativas e relações de compromisso em geral presentes no momento de ser definida uma pesquisa (e que quase nunca estão presentes nos manuais sobre o assunto).

Vejamos.

Em qualquer atividade de pesquisa que envolve pessoas, grupos humanos, comunidades, movimentos sociais, sociedades, experiências de teor pedagógico, formas alternativas de ação social e assim por diante, sempre estão em interação: quem estabelece os termos e define o acontecer da pesquisa + sobre que categoria de sujeitos ela incide + a quem ou a que ela se destina (unicamente, com prioridade, em primeiro lugar, etc.).

Assim sendo

1. Uma pesquisa qualquer poder ser **Nossa + sobre nós + para nós** = uma investigação de professoras de uma escola, sobre as aspirações e motivações de professores daquela escola, destinada à leitura crítica e à formação de professoras daquela escola.
2. **Nossa + sobre nós + para nós-e-outros** = uma pesquisa de uma estudante de mestrado em pedagogia + envolvendo estudantes de pedagogia e suas afiliações ideológicas e/ou religiosas + destinada inicialmente a uma banca de exame de mestrado e, depois, uma eventual publicação.
3. **Nossa + sobre nós + para outros** = uma pesquisa realizada por uma equipe de educadores + sobre aspirações profissionais de educadores + para o ministério da educação ou mesmo para uma empresa de educação à distância.
4. **Nossa + sobre outros + nós** = uma pesquisa pensada e realizada por uma equipe de uma escola + junto a pessoas adultas (pais de alunos ou não) da comunidade de acolhida da escola + para ser uma fonte de dados para um projeto de ampliação das relações escola-comunidade.

5. **Nossa + sobre outros + para nós/outros** = a mesma pesquisa acima, agora destinada a ser, depois de concluída e escrita, a ser apresentada, conhecida e dialogada com as pessoas da comunidade que dela participaram como “pesquisado”.

6. **Nossa/de outros + sobre outros + para nós/outros** = a mesma pesquisa acima, mas agora com a sua proposta original saída de uma reunião de pais-e-mestres, com o seu projeto elabora dentro de uma equipe constituída de professores-e-pessoas da comunidade e destinada a ser dialogada e a gerar propostas de ações pedagógicas e culturais entre pessoas da escola-e-da-comunidade.

7. **De outros/nossa + sobre outros + para outros/nós** = Uma pesquisa originada de um movimento social em um momento de seu projeto de ações sociais, de seus enfrentamentos, de sua luta por direitos, e que desde a proposta ao projeto, dele à sua realização e de seu processamento até sua realização final e sua destinação, acontece como um enlace, como uma atividade de partilha entre “eles” (os da comunidade, do movimento, etc.) e nós (como participantes, como assessores, etc.)

8. **Nossa + sobre outros + para outros** = uma pesquisa de campo sobre história e memória de uma comunidade e cuja proposta, cujo financiamento, cujos termos básicos são trazidos de uma agência externa ou de uma empresa (governamental ou não) a nós, como um “serviço encomendado”.

Podemos reconhecer que além destas oito alternativas outras podem (e devem) existir, seja no intervalo entre duas delas, seja mesmo como uma modalidade outra, diversa de todas as sugeridas aqui, como exemplo.

Modalidades de pesquisa

Algo que é corrente entre nós mas que nem sempre está claro e é no seu todo dito ou escrito com clareza, é que desde tempos antigos as vocações das investigações sociais são (confessadamente ou não) diversas. Tomando alguns nomes consagrados e outros mais “modernos”, podemos pensar em:

Pesquisa pura = uma investigação acadêmica sobre arte e artistas populares em uma comunidade rural.

Pesquisa aplicada = uma pesquisa intencionalmente motivada a gerar ações sociais relacionadas aos temas e/ou sujeitos investigados. (Para o “bem” e para o “mal”; não esquecer pesquisas do passado e do presente, realizadas a serviço de empresas midiáticas de propaganda, por agências de interesse mercantil e até mesmo por agências interessadas em pesquisar entre os “deserdados da terra” o efeito de remédios que, se aprovados, poderão ser aplicados nos “afortunados compradores”. Ver a este respeito o filme *O jardineiro fiel* dirigido pelo brasileiro Fernando Meireles.

Pesquisa partilhada = uma pesquisa pura ou aplicada em que, como em uma ou duas das modalidades acima, as próprias pessoas que projetam a pesquisa são seus “sujeitos pesquisados” e os seus destinatários. O mesmo pode ocorrer na situação de uma pesquisa (em geral tida como participante), em que pessoas de uma comunidade participam complementarmente de momentos do acontecer da pesquisa e partilham parte de seus resultados.

Pesquisa Participante = com as suas diversas denominações e alternativas variantes (autodiagnóstico, pesquisa participante, pesquisa-ação, pesquisa-ação-participativa e outros nomes). Uma das modalidades em que há um envolvimento dialógico e de destinação tão amplo quanto possível, e em que os “sujeitos pesquisados” são também essencialmente co-autores e co-atores de todo o seu acontecer, sendo também os seus destinatários únicos ou prioritário.

Um pequena diferença relevante no que de modo genérico chamamos de *pesquisa participante* estaria nesta nuance de situações:

- a) A idéia e a proposta da pesquisa partem de uma pessoa ou de uma equipe de “nós” e é levada para debate entre “eles-e-nós”. Uma vez aprovada a idéia, todo o processo implica uma partilha eles-nós, mesmo quando (e isto muitas vezes é inevitável) momentos teóricos, metodológicos e processuais da investigação “fiquem por nossa conta”.

- b) Há uma ação pedagógica, social, política em curso + nós (educadores, cientistas sociais, militantes, assessores) participamos dela desde nossa posição “assessora” + no correr do processo surge a necessidade de conhecimentos serem construídos, desvelados ou aprofundados + uma pesquisa conseqüente como esta necessidade emerge do “processo” + ela nos é proposta como uma tarefa + ela é realizada por nós “a serviço deles”, ou é levada a efeito através de uma equipe constituída por nós+eles.

Devo lembrar que a síntese abaixo não é originalmente minha. Trata-se de uma transliteração que fiz de idéias de um escrito de um casal mexicano “dos velhos tempos”, Luiz Gabarron e Libertad Landa.

Libertad foi assassinada no México, há anos atrás, enquanto participava de um encontro nacional sobre direitos da mulher.

- O ponto de origem da *pesquisa participante* deve estar situado em uma perspectiva da realidade social, tomada como uma totalidade em sua estrutura e em sua dinâmica. Mesmo que a ação de pesquisa e mesmo que as ações sociais associadas a ela sejam bem locais e bem parciais, incidindo sobre apenas um aspecto de toda uma *vida social*, nunca se deve perder de vista as integrações e interações que compõem o todo das estruturas e das dinâmicas desta mesma *vida social*.
- Deve-se partir da *realidade concreta da vida cotidiana* dos próprios participantes individuais e coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e interações. A vida real, as experiências reais, as interpretações dadas a estas vidas e experiências, tais como são vividas e pensadas pelas pessoas com quem interagimos.
- Os processos e as estruturas, as organizações e os diferentes sujeitos sociais devem ser contextualizados em sua *dimensão histórica*, pois é o acontecer de momentos da vida, vividos no fluxo de uma história, e é a integração orgânica dos acontecimentos de tal dimensão, aquilo que em boa medida explica as dimensões e interações do que chamamos uma realidade social.
- A relação tradicional de *sujeito-objeto* entre investigador-educador e os grupos populares deve ser progressivamente convertida em uma relação do tipo *sujeito-sujeito*, a partir do suposto de que todas as

pessoas e todas as culturas são fontes originais de saber. A partir, também, da consciência de que é da interação entre os diferentes conhecimentos que uma forma partilhável de *compreensão da realidade social* pode ser construída através do exercício de uma pesquisa. O conhecimento científico e o popular articulam-se criticamente em um terceiro conhecimento novo e transformador.

- Deve-se partir sempre da busca de *unidade entre a teoria e a prática*, e construir e re-construir a teoria a partir de uma seqüência de práticas refletidas criticamente. A *pesquisa participante* deve ser pensada como um momento dinâmico de um processo de *ação social comunitária*. Ela se insere no fluxo desta ação e deve ser exercida como algo integrado e, também, dinâmico.
- As questões e os desafios surgidos ao longo de ações sociais definem a necessidade e o estilo de procedimentos de *pesquisa participante*. O processo e os resultados de uma pesquisa interferem nas *práticas sociais* e, de novo, o seu curso levanta a necessidade e o momento da realização de novas investigações participativas.
- A *participação popular comunitária* deve se dar, preferencialmente, através de todo o *processo de investigação-educação-ação*. De uma maneira crescente, de uma para outra experiência, as equipes responsáveis pela realização de *pesquisas participativas* devem incorporar e integrar agentes assessores e agentes populares.
- O ideal será que em momentos posteriores exista uma participação culturalmente diferenciada, mas social e politicamente equivalente e igualada, mesmo que entre pessoas e grupos provenientes de tradições diferentes quanto aos conteúdos e aos processos de criação social de conhecimentos.
- O compromisso social, político e ideológico do/da investigador(a) é com a *comunidade*, é com pessoas e grupos humanos populares, com as suas causas sociais. Mesmo em uma investigação ligada a um trabalho setorial e provisório, o propósito de uma ação social de vocação popular é a *autonomia de seus sujeitos na gestão do conhecimento e das ações sociais* dele derivadas. É, também, a progressiva integração de

dimensões de conhecimento parcelar da vida social, em planos mais dialeticamente interligados e inter-dependentes.

- Deve-se reconhecer e deve-se aprender a lidar com o *caráter político e ideológico* de toda e qualquer atividade científica e pedagógica. A pesquisa participante deve ser praticada como um ato de compromisso de presença e de participação claro e assumido.
- Não existe neutralidade científica em pesquisa alguma e, menos ainda, em investigações vinculadas a projetos de ação social. No entanto, realizar um trabalho de partilha na produção social de conhecimentos, não significa o direito a pré-ideologizar partidariamente os pressupostos da investigação e a aplicação de seus resultados.
- Na maior parte dos casos, a *pesquisa participante* é um momento de *trabalhos de educação popular* realizados junto com e a serviço de comunidades, grupos e movimentos sociais, em geral, populares. É do constante diálogo não doutrinário de parte a parte que um consenso sempre dinâmico e modificável deve ir sendo também construído. Uma verdadeira *pesquisa participante* cria solidariamente, mas nunca impõe partidariamente conhecimentos e valores.
- A investigação, a educação e a ação social convertem-se em momentos metodológicos de um único processo dirigido à *transformação social*. Mesmo quando a pesquisa sirva a uma ação social local e limitada como foco sobre uma questão específica da vida social, é o seu todo o que está em questão.